

A MARCA AUTORAL DO TRADUTOR COMPROVADA PELA *BACKTRANSLATION*: UM ESTUDO EM SHAKESPEARE

CUADROS, Lóren Cristine Ferreira¹; VIÉGAS-FARIA, Beatriz²

¹Universidade Federal de Pelotas – cuadrosloren cristine@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – beatrizv@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Embora bastante utilizada em determinadas áreas do conhecimento, a *backtranslation* (ou reversibilidade, como definida por Eco [2003/2011]) é ainda uma técnica pouco explorada no que diz respeito à pesquisa científica. Tal fato pode ser constatado ao levar-se em consideração a quantidade relativamente pequena de publicações sobre o assunto disponíveis na Internet.

De maneira geral, a *backtranslation* consiste no processo de retradução de determinado texto ou trecho de uma língua estrangeira para o seu idioma de origem. Assim, na maioria dos textos complexos, esse esforço de retradução em direção à L1 (língua de origem) resulta em uma construção distinta do texto fonte que fora traduzido da L1 para a L2 (língua estrangeira).

Nesse sentido, o presente trabalho visa demonstrar que tal particularidade pode ser tomada como uma forma de reforçar o status da tradução literária como sendo uma atividade criativa não secundária à escritura de um texto de cunho literário. Mesmo devido à natureza da obra criativa, que é invariavelmente relacionada à cultura de seu país de origem, a realização da *backtranslation* de um texto serve para enfatizar a “marca autoral” do tradutor, isto é, a reelaboração efetuada por ele com o intuito de causar no público alvo o mesmo efeito alcançado pelo texto em língua fonte.

Desse modo, ganha importância o fato de que as alterações necessárias à passagem de uma obra de um idioma para outro dependem em grande parte da interpretação do tradutor, que passa a ser o autor do novo texto, cujas expectativas deixam de se relacionar com o contexto original de produção para focar no público da cultura receptora.

O presente trabalho busca abordar também como o método da *backtranslation* pode desmistificar a costumeira definição da tradução de textos dramáticos para a encenação como se tratando de “adaptações”. Essa característica reflete a opinião de diversos teóricos, como é o caso de Gambier (1992), que diferencia a adaptação da tradução (embora ressalte que os textos complexos envolvem ambos os processos), afirmando que a primeira abrangeria as alterações (omissões, acréscimos etc.) que se fazem necessárias a partir do momento em que surge uma dificuldade tradutória e, por consequência, à tradução caberia apenas aquilo que é traduzível de forma literal de uma língua para outra.

Hutcheon (2006/2011) parece compartilhar dessa opinião, uma vez que também distingue os processos de tradução e adaptação, incluindo na definição da última a “alteração” ou “ajuste” de uma obra a fim de adequá-la às exigências do público alvo.

Destarte, a constatação de que a *backtranslation* de um texto dramático pode demonstrar a existência de modificações feitas pelo tradutor da L2 que pouco diferem daquelas encontradas em outros tipos de obras literárias aponta que o que se define com frequência como “adaptação” nada mais que um processo de tradução, denominação muitas vezes evitada talvez devido a uma ideia controversa de que esta seria uma atividade de menor prestígio ou “menos criativa” que a escritura do texto em L1.

Este trabalho foi desenvolvido a partir da realização da *backtranslation* para o inglês da tradução feita por Beatriz Viégas-Faria para a peça “A Megera Domada” de William Shakespeare, cuja encenação realizada em Porto Alegre, no ano de 2008, foi dirigida por Patrícia Fagundes.

2. METODOLOGIA

A realização do presente trabalho foi efetuada em três estágios: primeiramente, foi feita a *backtranslation* do texto em português brasileiro traduzido por Viégas-Faria (2008) a partir da obra de Shakespeare sem que o texto fonte em língua inglesa fosse levado em consideração. Já em um segundo momento, passou-se à comparação da peça britânica com o texto resultante do processo de retradução.

Na fase final, teve lugar a análise crítica apoiada pelo aporte teórico aqui destacado, que visou apontar as diferenças do texto retraduzido para o inglês com relação à peça original. Essas diferenças derivam da intermediação da cultura brasileira, processo personificado na figura do tradutor, cuja interpretação e abordagem do texto levam em consideração as exigências, expectativas e o conhecimento compartilhado pelo público alvo em determinado momento. Para esta apresentação, foram selecionados alguns exemplos de trechos nos quais a distinção entre o texto fonte e a *backtranslation* se faz particularmente notável.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho integra uma pesquisa mais ampla cujo enfoque recai sobre a observação da importância do tradutor e das estratégias adotadas por ele quando da tradução de textos dramáticos (quer para a encenação quer para a publicação). Esta apresentação expõe alguns exemplos nos quais o traço criativo do tradutor da L2 se faz notável ao se traduzir o texto de volta para a língua fonte, visto que as construções resultantes desse processo, embora passem a ideia geral incluída na versão shakespeariana do mesmo trecho, apresentam consideráveis distinções não só formais, mas nas próprias expressões idiomáticas e imagens sugeridas com diferentes intuítos etc.

Tal constatação corrobora a afirmação de que a tradução de um texto literário – nesse caso específico, um texto dramático – é uma atividade de alto valor criativo, que demanda do tradutor o uso de diversas estratégias e artifícios a fim de permitir a reprodução do efeito causado por determinado trecho no contexto original. Assim, é possível afirmar que o tradutor é também autor de certa forma, visto que acaba por “recriar” ou “reescrever” o texto em

vários níveis ao traduzi-lo para a L2, visando atender às expectativas relacionadas ao novo contexto de recepção.

A pesquisa da qual o presente recorte faz parte se encontra em andamento, pois a *backtranslation* da tradução de Beatriz Viégas-Faria para “A Megera Domada” (2008) está ainda em fase de produção. Em um próximo estágio, o texto resultante desse processo de retradução para o inglês deverá ser segmentado e organizado na forma de legendas para o vídeo da encenação dirigida por Patrícia Fagundes em 2008. Essa gravação deverá ser finalmente disponibilizada em um site especializado na Internet.

4. CONCLUSÕES

Além de destacar a caracterização da tradução como atividade de cunho criativo e não apenas como uma transposição interlinguística literal e indissociável do texto fonte, a presente pesquisa surge como contribuição para os estudos a respeito do método da *backtranslation*, área ainda pouco explorada dos Estudos da Tradução.

Desse modo, é possível afirmar que essa estratégia pode ser utilizada não só no sentido de permitir a reconstrução do raciocínio realizado pelo tradutor com o intuito de fornecer subsídios à crítica da tradução de um texto, mas que também pode ser utilizada de modo a tornar explícitos os mecanismos semânticos e linguísticos dos quais o profissional lançou mão ao traduzir o texto em questão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ECO, U. **Quase a Mesma Coisa**: Experiências de Tradução. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2011.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

GAMBIER, Y. Adaptation: une ambiguïté à interroger. Meta: **Translator’s Journal**, vol. 37, nº 3, 1992, p. 421-425. Tradução à primeira vista de Isandréia Giroto dos Santos. Acessado em 05 jul. 2014. Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/002802ar>>

PAVIS, P. **O teatro no cruzamento de culturas**. Tradução de Nanci Fernandes. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SHAKESPEARE, W. **The Taming of the Shrew**. Acessado em 07 jul. 2014. Disponível em: <http://shakespeare.mit.edu/taming_shrew/full.html>

SHAKESPEARE, W. **A Megera Domada**. Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Não publicada. 2008.